

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
DE
BRASÍLIA**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS
DA
EDUCAÇÃO E SAÚDE**

MARIA DE NAZARÉ M. DOMINICI

**LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA
E O NOVO MODELO FAMILIAR:**

ANÁLISE DA RECEPÇÃO DO LIVRO “MEUS DOIS PAIS”

**Brasília
2014**

Dedico este trabalho primeiramente a DEUS pelos milagres realizados em minha vida, através da autotransformação. Aos meus filhos queridos, Rafael, Natalia e Izabela. Ao meu dedicado companheiro João. E ao meu professor, André Luís Gomes Moreira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, pelo carinho e confiança.

Às minhas irmãs, especialmente à Cristina, por ficar ao meu lado em todos os momentos, mesmo não estando presente.

Aos meus queridos filhos, pelo amor, pela paciência durante tantas horas de ausência, pelo incentivo, pelo apoio incondicional, sobretudo nos momentos difíceis, de desânimo e cansaço.

Ao João Augusto, pelo companheirismo, e um agradecimento especial à incansável amiga e guia Dalila, por sua luz e direção, sempre com palavras doces de motivação.

Agradeço ainda a todos que estiveram presentes diretamente em minha trajetória acadêmica: às amigas Tatyane, Lívia, Bárbara, à professora Cátia, à saudosa professora Ana Luíza e, finalmente, à professora Cyntia, pelo seu talento e competência.

É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito.

Albert Einstein

RESUMO

Um novo núcleo familiar, o de casais do mesmo sexo, passou a ser reconhecido pela primeira vez pelo IBGE no Censo Demográfico 2000-2010, entre as chamadas famílias reconstituídas após a separação ou a morte de um dos cônjuges. As famílias reconstituídas representaram 16,3% do total de famílias no Brasil, aqui entendidas as famílias tradicionais constituídas por marido, mulher e filhos. Entre os 16,3%, existem 60 mil casais do mesmo sexo, grande parte com filhos – crianças ou adolescentes. Este trabalho avalia a recepção da obra **Meus Dois Pais**, de Walcyr Carrasco, por alunos do ensino fundamental de uma escola pública do Distrito Federal. O livro aborda as dificuldades de um garoto para aceitar o pai e o seu companheiro homoafetivo. O estudo foi baseado na Teoria da Recepção, para a qual a obra apenas se completa a partir da intervenção do leitor, que chega até ela trazendo sua história pessoal e a do momento em que vive. Foi realizada uma pesquisa de campo com o grupo infantil, que permitiu a discussão do tema em relação às referências levantadas. Os resultados apresentados permitiram concluir que, de modo geral, o novo núcleo familiar brasileiro, constituído de dois pais ou duas mães, ainda é visto com estranheza e receio pela maioria dos alunos. Há uma pequena parte, no entanto, que o aceita com naturalidade.

Palavras-chaves: Literatura Infanto-juvenil, Recepção da Leitura, Modelo Familiar, Homoparentalidade, Preconceito de Gênero.

LISTA DE FIGURAS

GRÁFICO 01 – 58% dos alunos estão na faixa etária recomendada pela LDB: 12 anos	34
GRÁFICO 02 – 46% dos alunos do 7º ano A leem diariamente	35
GRÁFICO 03 – A metade dos alunos (50%) compra os livros que lê	36
GRÁFICO 04 – Inicialmente 62% afirmaram ter gostado da leitura do livro Meus Dois Pais	36
GRÁFICO 05 – 40% acharam o tema ‘chato’ e outros 40% declararam ‘não ter tipo tempo’ para ler	37
GRÁFICO 06 – Questionados mais a fundo, 63% disseram não ter gostado da leitura	37
GRÁFICO 07 – Contraditoriamente, 58% afirmaram não ‘ver problema’ na abordagem do tema	38
GRÁFICO 08 – 39% dos alunos do 7º ano A não observaram as ilustrações do livro	38
GRÁFICO 09 – 73% consideram que o tema ‘sexualidade’ deve ser tratado em classe e em casa	39
GRÁFICO 10 – 25% desejam ler sobre Aventura/ação (25%) e Terror / suspense (19%)	39

Sumário

INTRODUÇÃO	8
1 CONCEITOS INICIAIS SOBRE A LITERATURA	10
1.1 Conceito de literatura.....	10
1.2 Literatura infanto-juvenil no Brasil.....	12
1.3 Teoria Da Recepção	14
2 A HOMOSSEXUALIDADE NA HISTÓRIA.....	20
2.1 A homossexualidade no Brasil.....	22
2.2 A Homossexualidade na literatura infanto-juvenil	24
3 WALCYR CARRASCO	28
4 PESQUISAS.....	33
4.1 Informações sobre a coleta de dados	33
4.2 Resultados	35
4.3 Discussão dos dados.....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
ANEXO	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é o de pesquisar sobre como obras literárias infanto-juvenis tratam de questões como a dupla paternidade ou dupla maternidade – situação que hoje ocorre em grande parte dos 60 mil domicílios brasileiros de casais do mesmo sexo, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que analisou a evolução do conceito familiar no país durante o período 2000-2010 (ALVES; CAVENAGHI, 2012).

Com base em fundamentos da Teoria da Recepção, para a qual a obra literária apenas se completa com a interação do leitor, o assunto “dupla paternidade” foi colocado em discussão em um grupo de crianças e adolescentes, para se observar se autor e leitores estão prontos para interagir com relação ao tema. Assim, a pergunta que orienta este trabalho é: **como alunos de 7º ano do ensino fundamental reagem à leitura do romance *Meus Dois Pais* (2010), de Walcyr Carrasco?**

A estrutura dos capítulos revela a forma como o trabalho foi encaminhado até chegar à pesquisa e à discussão propriamente ditas: a) Apresentar a Teoria da Recepção; b) Abordar o conceito de Literatura; c) Apresentar o Homossexualismo na História e no Brasil; d) Apresentar o Homossexualismo na Literatura Infantil; e) Apresentar Walcyr Carrasco e seu estilo; f) Analisar a reação dos alunos diante da leitura do livro **Meus Dois Pais**, do mencionado autor.

Entre seus vários aspectos, a Teoria da Recepção destaca que, diante da obra, o leitor traz consigo uma bagagem de vida peculiar e é, por meio dela, que apreende o texto e o submete aos seus próprios conhecimentos prévios. Da interação entre obra e leitor é que o milagre da literatura se completa. Nessa interação, a obra inicial do autor sai enriquecida com a leitura (JAUSS, 1994).

O leitor vive dentro do seu tempo, é movido por questões contemporâneas à sua realidade de vida, segundo o autor. Sendo assim, é patente que na sociedade brasileira atual, assuntos como sexualidade, drogas, violência, mobilidade urbana, políticas públicas, entre outros estão na ordem do dia. São eles, portanto, que motivarão a leitura atual e também são os mesmos ingredientes que mobilizam o autor.

Assim, o tema do livro escolhido – a dupla paternidade – tem grande importância na comunidade escolar onde foi realizada a pesquisa, uma vez que ela se compõe de

alunos com carência de orientação familiar, como o próprio Centro de Ensino Fundamental nº4, de Brasília-DF reconhece em seu blog. Como consequência, esses alunos estão expostos a um ambiente de preconceito, em especial com relação à orientação sexual. Os resultados levantados, como se comprovará no capítulo destinado a eles, demonstram que realmente o assunto ainda carece de reflexões, debates e amadurecimento entre os alunos.

O autor do livro **Meus Dois Pais**, Walcyr Carrasco, escreve obras infanto-juvenis e para adultos, e publicamente defende a própria bissexualidade. O livro que o presente trabalho aborda tem como figura central o garoto Naldo, que se vê obrigado a enfrentar a separação dos pais e, na sequência, ainda se defrontar com a homossexualidade paterna. A aceitação da separação é muito natural para ele no primeiro momento. Mas, com o suceder das circunstâncias, acaba se revoltando, ao descobrir que o pai é homossexual. Naldo só aceita essa verdade após algum tempo, pela interferência da mãe, que consegue explicar a ele que existem diferentes formas de amor entre as pessoas.

Assim como ocorre com Naldo, também na realidade a questão da homoafetividade gera conflitos e separatismos, ainda que a proteção às diferenças, entre elas a homossexualidade, seja sacramentada pela própria Constituição Federal:

Capítulo I – Dos Direitos e Deveres Individuais Coletivos.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. (BRASIL, 1988, p.14)

A temática do preconceito, sobretudo quanto à orientação sexual, nunca esteve tão em voga como hoje, na mídia, na família e na escola. Esse debate ainda precisa de bastante tempo até que a maior parte das pessoas possa, de fato, respeitar a orientação sexual de cada um. Até lá é preciso que se combata esse preconceito que ainda é reproduzido na sociedade. É preciso que haja aceitação das diferenças para que o Brasil se desenvolva também nesse aspecto. Acreditamos que a literatura seja um dos recursos capazes de contribuir para a evolução do processo.

1 CONCEITOS INICIAIS SOBRE A LITERATURA

1.1 Conceito de literatura

A literatura vem sendo conceituada de inúmeras formas desde a Antiguidade Clássica até os dias de hoje. O verbete em si origina-se do latim: *littera*, letra, mas definir o que é literatura tem sido uma questão histórica. Um dos primeiros registros sobre o assunto é do pensador grego Aristóteles, que viveu no século IV, antes de Cristo. Em suas análises sobre o significado da arte e da literatura de sua época, considerou que a poesia, principal gênero literário de então, era uma “técnica” aliada à “mimese” (imitação), diferenciando os gêneros trágico e épico do cômico e satírico. Aristóteles escreveu duas obras críticas das artes literárias: a Retórica e a Poética.

Com raízes tão antigas, a conceituação sobre literatura evoluiu de forma tão considerável acompanhando a história do homem, que hoje não se pode dizer nem que ela é a mesma de duzentos anos atrás. Na tentativa de encampar literatura e períodos tão distintos da história da humanidade, o professor Antonio Augusto Soares Amora, em **Introdução à Teoria da Literatura** (2002), divide a literatura em duas eras: a clássica e a moderna. A primeira vai desde a época dos sofistas até o século XVIII, e a segunda parte do romantismo até os dias de hoje.

Atualmente, são inúmeros os gêneros literários, ainda mais se considerando a incansável proliferação de novos meios de comunicação a partir da internet, por exemplo. Quantas publicações existem hoje cuja existência é apenas virtual (e-books). Todos esses fatores acabaram diluindo a definição clássica de literatura, gerando novas atribuições ao longo do seu desenvolvimento e recepção, como avalia José de Nicola, no seu livro **Literatura Brasileira: Das Origens Aos Nossos Dias** (1998).

Para Marisa Lajolo, a definição de literatura perpassa por múltiplas respostas. Não existe um conceito uníssono, porque segundo ela, cada tempo, cada grupo social tem sua resposta específica. Acredita, no entanto, que parece haver uma profunda relação entre as obras escritas em um período e aquilo que, nessas obras, costuma ser identificado como o específico literário. Desenvolve-se, assim, uma espécie de diálogo ininterrupto entre a prática e a Teoria da Literatura (LAJOLO, 1982, p.16).

Terry Eagleton, em sua obra **Teoria da Literatura – Uma Introdução**, define literatura como:

Talvez nos seja necessária uma abordagem totalmente diferente. Talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou “imaginativa”, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar. Segundo essa teoria, a literatura é a escrita que nas palavras do crítico Roman Jakobson, representa uma violência organizada contra a fala cotidiana. (EAGLETON, p.03, 2006)

É Eagleton quem nos traz a literatura para o conceito com que parece concordar a maioria dos estudiosos do assunto atualmente. Parte de uma abordagem quase poética sobre o que seja literatura: sempre que a linguagem apresentar tessitura, ritmo e a ressonância nas palavras e superar o seu significado abstrato, ou melhor, quando existir desconformidade entre significantes e os significados, aí existe literatura.

Conclui, entretanto, que é uma linguagem que chama atenção sobre si mesma e exibe uma existência material e tem como um dos seus fins recriar a realidade sob a ótica de um artista. A obra literária, segundo Eagleton, está construída a partir de crenças, ideologias, sentimentos e técnicas de narrativas do autor. E será com o uso permeado de tais ingredientes, que o texto literário, intimamente ligado à estética, provocará o leitor.

Na seção seguinte, serão apresentadas considerações sobre a literatura Infanto-Juvenil, uma vez que é nela que este trabalho está inserido.

1.2 Literatura infanto-juvenil no Brasil

Maria Antonieta Antunes Cunha, em sua obra **Literatura Infantil: Teoria e Prática** (2006), afirma que, no caminho percorrido à procura de uma literatura adequada para a infância e juventude, observaram-se duas tendências iniciais: a dos contos de fada clássicos, com algumas adaptações, e a do folclore. Cunha afirma que, no Brasil, a literatura infantil tem seu início marcado por obras pedagógicas e muitas delas adaptações de produções portuguesas. Acrescenta que muitos educadores questionam a existência de obras literárias genuinamente infantis, quadro esse que dificulta, mais ainda, a aproximação das crianças e jovens da leitura (CUNHA, 2006, p. 25).

Philippe Ariès (2012) também compartilha desse ponto de vista. Para ele, a literatura destinada a crianças deve ser essencialmente a mesma destinada ao adulto. O que vai diferir é a complexidade da concepção: a obra para criança será mais simples em seus recursos, mas não menos valiosa. O autor sugere que a criança não deve ser subestimada, pois uma leitura com sentido superficial pode não despertar o seu interesse.

Para ele, a criança precisa de dois tipos de livros, os que estão exatamente de acordo com seu adiantamento e outros um pouco mais avançados. A criança cresce exatamente na medida em que vence obstáculos. Essa progressividade maior de dificuldade na leitura, bem como nas demais atividades educativas, é que a estimularão a ir em frente, solucionando os problemas. O autor observa, ainda, que a criança tem demonstrado agrado, sobretudo as menores, pelas obras otimistas: as que revelam o gosto pela vida, alegria, o humor (ARIÈS, 2012, p.74).

Para compreender melhor esta realidade, é válido fazer um breve resgate histórico. José Nicolau Gregorin Filho, no livro **Literatura juvenil – Adolescência** (2011) destaca que, com a vinda da família real para o Brasil, as instituições escolares brasileiras passaram a se fundamentar nos padrões europeus. Até então a educação não era de responsabilidade do estado, e sim dos jesuítas e por meio da evangelização. Só no século XIX, os autores começam a esboçar novas perspectivas pedagógicas que defendem o alargamento de espaços para o elemento lúdico nas obras destinadas às crianças. Segundo ele, ainda hoje, no século XXI, é necessário fazer a defesa do

elemento não didático; a preocupação didática moralista persiste em asfixiar as obras infantis, situação que não ocorre na literatura para adultos.

Na verdade, em termos históricos, a literatura destinada a crianças e adolescentes (infanto-juvenil) é um fenômeno relativamente recente no Brasil. Monteiro Lobato, por exemplo, um dos primeiros a se dedicar ao gênero, viveu até 1948. Antes disso, só se poderiam incluir fábulas francesas e contos de fada, heranças da influência do Brasil colonial, nas alternativas de leitura infantis. Não se pode esquecer das aventuras de Júlio Verne para a leitura dos adolescentes. Foi com a organização das escolas e a conseqüente elaboração dos livros didáticos que se caminha ou para o que hoje se intitula livros paradidáticos. São esses últimos que estão na raiz do que se chama atualmente de literatura infanto-juvenil. São eles os primeiros responsáveis por incutir nas crianças e jovens o gosto pela leitura.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), por meio dos **Parâmetros Curriculares Nacionais e Temas Transversais**, possibilitou a ampliação do mercado de obras literárias destinadas a crianças e adolescentes ao incentivar a discussão de novas temáticas, como a pluralidade cultural, étnica e também sexual. Assim, a leitura passou a ser vista como atividade de apoio à aprendizagem, como destaca Gregorin Filho (2011).

Sabendo das dificuldades de introduzir as crianças e jovens no universo da leitura, João Luís Ceccantini e Rony Pereira, em **Narrativa Juvenil**, observam que grande parte das leituras é fixada pelos professores. Nesse contexto, não raro, a voz do aluno quase nunca é ouvida e, assim, os sinais de suas inquietações e interesses passam muitas vezes despercebidos. Para eles, os alunos permanecem seguindo instruções até o final do ensino médio, o que explica a falta de leitura, e de autonomia dos jovens ao ingressarem nas universidades (CECCANTINI, 2008).

Ainda assim, pode-se dizer que, nas duas últimas décadas, houve uma explosão de oferta de títulos infanto-juvenis, tanto de autores brasileiros como estrangeiros. Os temas do gênero são tão variados quanto os problemas com que se defronta a atual sociedade, incluindo os assuntos ligados ao sexo, desde como nascem os bebês até crianças que hoje possuem dois pais ou duas mães.

1.3 Teoria Da Recepção

A investigação do trabalho aqui proposto segue os pressupostos da Teoria da Estética da Recepção (TR), que desloca o centro de análise da obra literária para o seu leitor (receptor).

Até a década de 1960, todo o valor dos estudos de obras literárias estava centrado no autor ou na própria obra. Tal concepção, no entanto, começou a ser transformada a partir da corrente teórica da Recepção, de Hans Robert Jauss, na qual o papel do leitor torna-se fundamental, uma vez que, para esse movimento, nascido em 1967, na Universidade de Constança, Alemanha, a construção do significado da obra apenas se materializa ao final da interação entre obra e leitor. Iniciada na área literária com Jauss, a TR hoje também se aplica em áreas artísticas, como nos Estados Unidos, no teatro, com Mark Fortier.

Hans Robert Jauss, cuja teoria baseia-se na coalizão entre história e estética, pormenoriza a TR em um conjunto de sete teses (JAUSS, 1994). As quatro primeiras dizem respeito à estética literária, enquanto as três seguintes estão relacionadas à história literária. Segue a síntese de cada uma delas:

1ª tese: A historicidade da literatura não se dá pela cronologia das obras, mas pelo diálogo dinâmico com a obra literária por parte dos leitores.

2ª tese: A experiência literária do leitor implica um “saber prévio”, experiências, que englobam as de leitura e de sua vida, que desperta suas expectativas e o impulsiona para uma determinada postura emocional.

3ª tese: Menciona à coincidência ou não entre o horizonte de expectativas do leitor e o horizonte de expectativas geradas por uma obra. Segundo a tese, o caráter estético dos textos é determinado pelo leitor, uma vez que considera as diferentes épocas em que a obra foi lida. Nesse sentido, o horizonte de expectativa de uma obra, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo os quais ela produz seu efeito sobre um suposto

público. Quanto maior for a distância entre esses elementos, mais o texto subverte o esperado e revela-se esteticamente valioso.

4ª tese: Os sentidos de um texto são construídos ao longo da história. O tempo histórico do leitor influencia na construção desses sentidos. Só se pode compreender um texto quando se compreender a pergunta para a qual ele constitui uma resposta.

5ª tese: O lugar de uma obra na série literária não pode ser determinado apenas em razão de sua recepção inicial. Leituras posteriores modificam uma obra, pondo-a, historicamente, em um momento diferente daquele em que foi produzida. Na Estética da Recepção, as obras literárias são consideradas um conjunto aberto de possibilidades, já que podem adquirir novos sentidos a cada leitura, o que permite um constante reavaliar dos textos literários. Essa tese considera o aspecto diacrônico da obra.

6ª tese: A história literária deve considerar as sucessivas recepções da obra (aspecto diacrônico), ao longo do tempo e em relação à recepção no momento de sua produção. Essa tese refere-se ao corte sincrônico, no qual o caráter histórico da obra literária é visto pelo olhar atual. Para melhor compreender a historicidade da obra, considerar-se o encontro dos aspectos sincrônico e diacrônico.

7ª tese: Observa os aspectos diacrônico e sincrônico e engloba a experiência cotidiana do leitor, transpondo o horizonte de expectativas, possibilitando uma visão crítica quanto à leitura da obra em questão e quanto à leitura de obras posteriores. Considera, além do efeito estético da obra, o efeito social, ético e psicológico.

Jauss destaca a terceira tese em seu ensaio **Literatura como Provocação** (1994), no qual reforça o conceito de **horizonte de expectativa**, como elemento importantíssimo na recepção do texto pelo leitor. Segundo ele,

Uma obra não se apresenta nunca, nem mesmo no momento em que aparece, como uma absoluta novidade, num vácuo de informação, predispondo antes o seu público para uma forma determinada de recepção, através de informações, sinais mais ou menos manifestos, indícios familiares ou referências implícitas. Ela evoca obras já lidas, coloca o leitor numa determinada situação emocional, cria, logo no início, expectativas a respeito do seu 'meio e do fim' que, com o decorrer da leitura, podem ser conservadas ou alteradas, reorientadas ou ainda ironicamente desrespeitadas, segundo determinadas regras do jogo relativamente ao gênero ou tipo de texto. (JAUSS, 1994, p.66 e 67)

Nessa perspectiva, o horizonte é o modo como o leitor (receptor) se situa e entende o texto a partir de seu ponto de vista subjetivo. Jauss entende que o horizonte de expectativas é uma característica fundamental de todas as situações interpretativas, ou seja, quando o leitor faz a interpretação de uma obra literária traz consigo crenças e conceitos que orientam a totalidade do ato interpretativo; quando um texto literário é lido, o horizonte de expectativas atua pela memória, trazendo ao texto contribuições de todas as leituras e aquisições culturais anteriores.

Destaca-se, ainda, a última dessas teses, a sétima, intitulada "A Relação entre Literatura e Vida." Nela, o estudioso considera que a criação literária tem uma função social, ou seja, com ela, o leitor passa a ter acesso a novas formas de entender a sociedade, por meio de conceitos emitidos pelos personagens da obra. Com isso, a literatura penetra o mundo do leitor, trazendo novas experiências de vida. Ao propiciar tal interação, é capaz de proporcionar a quebra de conceitos e de paradigmas, liberando o leitor para construir novos conceitos e transformar o mundo em que vive (JAUSS, 1994, p.50).

Jauss aprofunda essa conceituação, deixando claro que a relação entre leitores e obra é regida pelo horizonte de expectativas, tanto da obra como do leitor:

A hermenêutica literária tem por tarefa interpretar a relação de tensão entre o texto e a atualidade como um processo, no qual o diálogo entre autor, leitor e novo autor refaz a distância temporal no vai e vem de pergunta e resposta, entre resposta original, pergunta atual, e nova solução, concretiza-se o sentido sempre doutro modo e, por isso, sempre mais rico. (JAUSS, 1994, p.56)

Segundo a percepção de outro estudioso alemão da TR, Wolfgang Iser, uma das principais premissas da Teoria da Recepção é o **leitor implícito**, o qual está presente

nas estruturas textuais produzidas pelo autor, as quais praticamente conduzem o leitor final a realizar a leitura sob uma determinada ótica pré-concebida. Note-se que a presença do leitor implícito não é real, sua participação ocorre sempre que as estruturas textuais reivindicam sua participação:

A tal ponto certa estrutura textual é estabelecida para o leitor que ele é obrigado a assumir um ponto de vista que permita produzir a integração das perspectivas textuais, O leitor, porém, não pode escolher livremente esse ponto de vista, pois ele resulta da perspectiva interna no texto. (ISER, 1996, p.74)

Hans Robert Jauss, em sua terceira tese, postula sua crença de que o valor da obra é estabelecido entre o horizonte da expectativa preexistente e o horizonte aludido pela nova obra. Ou seja, o valor da obra é transformado à medida que a obra é questionada, atende ou supera o horizonte de expectativas estabelecido. Para ele, a obra assume uma maior distinção agregadora quando rompe com o horizonte de expectativa preestabelecido, quando a obra se mostra “singular” perante o leitor. A obra que não propõe inovações, rompimento, não contribui para a criação de uma nova perspectiva, mantendo percepções triviais, afirmando a continuidade pelo igual (JAUSS,1994, p.31).

Para Wolfgang Iser, em sua obra **O Ato da Leitura**, enquanto lê, o leitor utiliza de seu conhecimento prévio, o seu repertório, para realizar comparações com o que a obra apresenta e, ao mesmo tempo, testar suas expectativas. Ele considera que o texto só pode ser entendido como modalidade de comunicação e, portanto, é caracterizado por uma estrutura de apelo que converte o seu destinatário em peça essencial da sua estrutura. Assim, estabelece um elo entre o autor e leitor, o qual se fortalece a partir do que é exposto e desenvolvido no texto compartilhado por ambos. Segundo Iser:

(...) o sinal de ficção no texto assinalado é antes de tudo reconhecido através de convenções determinadas, historicamente variadas, de que o autor e o público compartilham e que se manifestam nos sinais correspondentes. Assim o sinal de ficção não designa nem mais a ficção, mas sim o ‘contrato’ entre autor e leitor cuja regulamentação o texto comprova não como discurso, mas como ‘discurso’ encenado (ISER, 1996, p. 397).

Jauss descreve o texto como sendo um produto do leitor, onde o sentido passa a equivaler a um evento que se dá no momento da leitura, pois o texto não é uma estrutura fechada, blindada, ele está aberto para infinitas interpretações e modos de recepção. Assim, a preferência passa a ser da interpretação do receptor sobre a obra, rompendo com teorias anteriores que concebiam o texto literário como sacralizado. O estudioso classifica o leitor como uma entidade real, participante da construção da obra, cujas experiências sociais acumuladas e conhecimentos anteriores são dados fundamentais para o aprofundamento e descoberta da natureza do texto. A experiência de cada leitor junto à obra é única e totalmente relacionada ao modo pessoal e subjetivo que esses receptores a absorvem.

Outra questão que deve ser considerada na TR é que nenhum leitor deixa de sofrer interferências das obras com quais tem contato. Jauss alerta, ainda, que o leitor não é singular, considerando que as sociedades e as épocas estabelecem horizontes de expectativas dentro das quais as obras estão situadas. Ele complementa sua colocação afirmando que o leitor é um fator de significativa relevância para o sistema literário, pois determina os modos de acolhimento, valorização e circulação das obras.

Cada obra, ao ser lançada, se depara com códigos vigentes, regras sociais e estéticas, formas de comunicação, populares ou não, preconceitos e ideologias. Ou seja, todas as obras literárias são avaliadas a partir das condições históricas, sociais e culturais nas quais estão inseridas.

Roman Ingarden (1979), em consonância com Jauss, afirma que a obra literária nunca é apreendida totalmente, pois as normas e valores que o leitor possui são modificados pela experiência do contato com a obra. Ao longo da interação literária, ele reformula suas expectativas e reinterpreta o que já leu. Dessa forma, a leitura percorre dois caminhos distintos, para frente, através da reformulação das expectativas, e, para trás, reinterpretando o que já foi lido.

É importante ressaltar que é natural que as interpretações do leitor sejam totalmente instáveis, mudem ao longo do tempo, podendo trazer novas e diferentes reações em relação às anteriores. Isso por que a própria existência não é estática, e essas mudanças são refletidas nos indivíduos.

Tal procedimento, na verdade, acompanha o leitor desde os primórdios do seu ingresso ao mundo da linguagem escrita. É sabido que, desde a pré-alfabetização, a criança (o leitor) cria suas próprias teorias acerca das palavras e, ao longo do processo de aprendizagem, vai testando o seu conhecimento prévio. Pesquisadoras de psicogênese da língua escrita, Emília Ferrero e Ana Teberosky, constataram no final da década de 1970 que as crianças chegam à sua primeira sala de aula com uma bagagem própria sobre o assunto e o seu desenvolvimento linguístico se dá por reconstruções de conhecimentos anteriores, dando lugar a novas construções (FERRERO; TEBEROSKY, 1988, p.277). É nesse movimento de preenchimentos de **pontos de indeterminação** que a obra se constrói e se atualiza.

Na sequência, serão apresentadas considerações sobre a homossexualidade na história.

2 A HOMOSSEXUALIDADE NA HISTÓRIA

O filósofo francês Michel Foucault, em **A História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres** (1984), analisou o pensamento da maioria dos filósofos da antiguidade grega em busca de desvendar como enxergavam a relação entre sexualidade e prazer. Segundo Foucault, foi possível concluir que, na época, predominava o vínculo heterossexual entre marido e mulher. A par dessa realidade, no entanto, era bastante comum o amor homossexual entre homens e rapazes, ou seja, um homem casado tinha a liberdade de manter uma relação homoafetiva com homens mais jovens. Assim, pode-se apreender que, na Antiguidade, predominava a relação heterossexual, coexistindo o amor homossexual entre homens e rapazes. Trata-se de uma realidade em que, do ponto de vista atual, a população masculina estava livre para exercer a bissexualidade. Para referendar essa realidade, Foucault esclarece que:

Os gregos não opunham, como duas escolhas excludentes, como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto. As linhas de demarcação não seguiam uma tal fronteira. A oposição entre um homem temperante e senhor de si e aquele que se entrega aos prazeres era, do ponto de vista da moral, muito mais importante do que aquilo que distinguia, entre elas, as categorias de prazer às quais era possível consagrar-se mais livremente. Ter costumes frouxos consistia em não saber resistir nem às mulheres nem aos rapazes, sem que este último caso fosse mais grave do que o outro (FOUCAULT, 1984, p.167).

Embora falassem abertamente das práticas homossexuais, os filósofos gregos apenas se detiveram na homossexualidade masculina, sem qualquer menção à feminina. Anteriormente a eles, porém, houve a aristocrata e poetisa Safo, que viveu no século VI a.C., e que sofreu exílio político na Ilha de Lesbos, a quem Foucault não se refere em sua obra. Safo rege-se pelo mito de Afrodite, enquanto os grandes filósofos gregos (Sócrates, Aristóteles, Platão, entre outros) vivem o apagar de Afrodite para a ascensão do mito de Eros. Safo prega um amor mais universal, entre mulheres e mulheres, entre homens e mulheres, e entre mãe e filho. Já os filósofos baseados em

Eros, mais próximos ao nosso tempo, relegam as mulheres a um segundo plano e enxergam o mundo sob uma ótica totalmente masculina.

De acordo com Foucault, após a abordagem inicial desprovida de preconceitos, com os filósofos gregos, o homossexual masculino chega à literatura europeia do século XIX imbuído de desqualificação e preconceito:

Nos textos do século XIX existe um perfil-tipo do homossexual ou do invertido; seus gestos, sua postura, a maneira pela qual ele se enfeita, seu coquetismo, como também a forma e as expressões do seu rosto, sua anatomia, a morfologia feminina de todo o seu corpo fazem, regularmente, parte dessa descrição desqualificadora. O domínio dos amores masculinos pôde muito bem ser 'livre' na Antiguidade, bem mais do que o foi nas sociedades europeias modernas. (FOUCAULT, 1984, p. 21).

O estudioso informa, ainda, que nas escolas do século XVIII o discurso sobre o sexo era intenso, realizado por professores, diretores, médicos e psiquiatras, todos se empenhando em pesquisar sobre 'perversões sexuais' que pudessem contaminar o sexo matrimonial, sempre vinculado à procriação. Homoafetividade, adultério e casamento sem autorização dos pais estavam entre os atos ilícitos dos quais os adolescentes deveriam se afastar. A partir do século XIX, fica estabelecido, com clareza, que a única forma lícita sexual deveria ser o sexo monogâmico heterossexual.

É sabido que as religiões, especialmente a católica, exerce um poder dominante em relação ao tema. Até este século XXI, ela ainda não permite aos seus adeptos o uso de anticoncepcionais e de preservativos, deixando patente que a prática sexual deve estar sempre voltada para a reprodução. Ainda hoje preceitos religiosos determinam a forma como as sociedades entendem a homoafetividade, relegando-a a prática nociva perpetuando preconceitos.

2.1 A homossexualidade no Brasil

A sociedade brasileira tal como hoje se constitui sorveu seus primórdios da literatura europeia do século XIX. Nossos primeiros intelectuais buscavam conhecimento nas universidades de Coimbra e de Paris. Assim, é natural que, também para os assuntos da sexualidade, a nossa sociedade tenha se constituído desse caldo de preconceito em relação ao assunto. Não bastassem as escolas, a Igreja Católica e seus catequizadores disseminavam entre a população brasileira os princípios da moral europeia da época.

Três séculos antes, quando a sociedade brasileira iniciava sua constituição, o chamado pecado de sodomia (homossexualidade masculina) podia trazer ao acusado penalidades tão drásticas, como a condenação à fogueira decretada pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição. Um dos principais pesquisadores do assunto, o antropólogo Luiz Roberto de Barros Mott, em sua obra **Relações Raciais entre homossexuais do Brasil Colonial** (1985), revela que o Tribunal da Inquisição promoveu uma devassa sistemática entre a população brasileira da Bahia e de Pernambuco, entre 1591 e 1620 e, entre 283 culpas confessas diante desse Tribunal, 44 casos foram de sodomia, ou seja, um percentual de 15,5%. Esse é um percentual aparentemente baixo, mas merecia sanção pública, pois vinculava o sexo ao prazer.

Para Mott, ao analisar as possíveis causas desse percentual que considera alto, a conclusão foi de que, na verdade, a sodomia era uma prática livre tanto dos índios autóctones, como dos africanos trazidos para o Brasil e ninguém entre eles ainda associava essa prática ao pecado instituído pela Igreja Católica. Somando-se aos brancos portugueses adeptos da sodomia, sua avaliação foi de que, na época, o ambiente de nascedouro de uma nova sociedade propiciou o estabelecimento do alto percentual de homossexuais masculinos entre a população; ainda que, nesse mesmo século XVI, em Portugal ainda vigorasse a lei instituída no século XIII, segundo a qual homens que cometessem o chamado 'pecado contra a natureza', deveriam ser castrados e colgados (pendurados) pelas pernas até a morte.

Professor de Antropologia na Universidade Federal da Bahia, Mott é fundador do mais antigo grupo político gay, o Grupo Gay da Bahia. Ele produziu dezenas de livros

sobre homossexualidade no Brasil, sempre associados a questões de violência à luz dos Direitos Humanos.

João Silvério Trevisan, outro grande pesquisador do tema, no ensaio **Devassos no Paraíso** (2000), observa que, a par da legislação que não criminaliza, o que continua existindo contra os homossexuais brasileiros é o preconceito velado, e às vezes nem tanto, em especial por parte da Polícia:

A mania de dar um jeitinho reflete-se nas mais diversas circunstâncias sinuosas da vida erótica brasileira. Por exemplo, não existem leis anti-homossexuais no Brasil, seja na Constituição, seja no Código Penal. Mas, quando quer mostrar serviço, a Polícia realiza batidas e os diversos representantes da ordem humilham os homossexuais, mais constantemente do que se pensa, em lugares públicos e privados. (TREVISAN, 2000)

Ao lado de Mott, João Silvério Trevisan também é um notório defensor da causa gay brasileira. É um dos fundadores do Grupo Somos de Afirmação Homossexual e do extinto **Jornal Lampião**, considerado o primeiro jornal homossexual contemporâneo do Brasil. A área acadêmica brasileira produziu até hoje uma bibliografia pequena sobre a homossexualidade na comparação com a de outros países onde o assunto já saiu do espectro do estigma.

Tom Bullough (1976) apresentou a mais extensa bibliografia mundial sobre o assunto (*apud* MOTT, 1985) contendo 12.794 títulos. Desse total, menos de uma dezena era de autoria brasileira. Mott justificou o descaso de então (que ainda persiste ao se pesquisar sobre o assunto na internet) devido a uma série de fatos, mas os dois principais são: 1) ainda se trata de um dos assuntos mais tabus da cultura ocidental cristã; 2) trata-se de um tema extremamente melindroso a ser pesquisado, pela diversidade de maniqueísmos dos diferentes estudiosos do assunto, indo da mais contundente reprovação e caracterização da homossexualidade como pecado, perversão, crime e desvio, até sua defesa e propagação como uma variável legítima, normal e saudável de vida sexual.

Nem Mott nem Trevisan se dedicaram com profundidade, até agora, à homossexualidade feminina no Brasil, por sinal um aspecto que não é examinado em

profundidade nem mesmo em outros países, já que a bibliografia mundial, desde a Antiguidade, com exceção das menções à poetisa Safo, pouco menciona esse universo. Uma das obras pioneiras no Brasil tem 20 anos. É de Marisa Fernandes, que organizou dados sobre a organização das lésbicas brasileiras, seu relacionamento com o movimento feminista e os partidos políticos (FERNANDES, 1994).

Apesar de avanços jurídicos, os homossexuais ainda são alvos de preconceito da sociedade, mesmo o Brasil vivendo um período em que não sobrecari aos homossexuais nenhuma penalidade, pelo contrário. Entre as legislações antidiscriminatórias existentes para as chamadas minorias, aquelas referentes aos homossexuais já permitem uniões homoafetivas legais, tanto para casais masculinos como casais femininos. A luta atual é para que, em todo o Brasil, as uniões estáveis possam ser convertidas em casamento civil. Para isso, o Senado Federal e a Câmara terão que debater o assunto no plenário do Congresso e aprovar o novo direito para os homossexuais brasileiros.

O assunto mantém-se controverso em termos de opinião pública. Pesquisa realizada em setembro de 2014 pelo Ibope Inteligência, a pedido da **TV Globo** e de **O Estado de S. Paulo**, revelou que 58% dos entrevistados homens se manifestaram contra o casamento civil homossexual. Entre as mulheres, 49% se posicionaram contra e 44% a favor. Algumas faixas do eleitorado, entretanto, mostraram-se majoritariamente favoráveis à bandeira da comunidade gay: 51% entre os mais jovens, com idade entre 16 e 24 anos, e 55% entre os mais escolarizados, com curso superior (IBOPE, 2014).

2.2 A Homossexualidade na literatura infanto-juvenil

A homossexualidade percorre as prateleiras da literatura nacional para adultos há mais de um século. Desde Raul Pompeia, com **O Ateneu** (1888), onde a temática ainda era velada, até Caio Fernando de Abreu, que chega a dar a fala em primeira pessoa para o narrador homossexual do conto “Terça-Feira Gorda”, incluído no livro **Morangos Mofados** (1999). Conforme apontado anteriormente, a literatura infanto-juvenil serve-se dos mesmos ingredientes da literatura adulta. Os autores, com suas crenças, ideologias e técnicas de narrativa buscam corações e mentes das crianças e dos jovens, todos

acompanhando a evolução do pano de fundo histórico. Sendo assim, ainda que com alguma timidez, a literatura infanto-juvenil também tem abordado os assuntos polêmicos com que se defrontam autores e leitores da atualidade.

Nas duas últimas décadas, a temática homossexual na literatura infanto-juvenil vem seguindo uma caminhada discreta, porém constante, chegando a este ano, com nada menos do que três lançamentos em livros e mais uma abordagem significativa na revista de quadrinhos Luluzinha Teen, na sua edição de fevereiro de 2014 (nº57). O episódio da turma da Luluzinha agregou um personagem homossexual, o Edgar, namorado do Fábio. Daniel Stycer, editor da revista e idealizador do roteiro, disse ao jornal **O Globo**, que a trama é natural à Luluzinha, que é a libertária da turma e uma defensora dos direitos humanos. “Não tem como falar a jovens hoje e ignorar o assunto”, assinalou Stycer, referindo-se ao tema da homossexualidade. (Jornal O Globo 14 jul. 2014).

Garoto encontra Garoto, de autoria do americano David Levithan, uma história romântica envolvendo os adolescentes Paul e Noah, e foi lançada pela Editora Record durante a 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em agosto de 2014. Foi o segundo lançamento do gênero que a Record fez no ano. Em abril, havia sido a vez de **Will & Will**, também de David Levithan, em parceria com o atual best-seller dos adolescentes, o autor John Green. Também de abril de 2014 é o lançamento da Companhia das Letras **Aristóteles e Dante Descubrem os Segredos do Universo**, do também americano Benjamin Alire Sáenz. (Jornal O Globo 14 jul. 2014).

Os autores brasileiros marcam presença nessa escalada do tema de forma lenta e gradual. De acordo com Lúcia Facco, no livro **Era Uma Vez um Casal Diferente: A Temática Homossexual na Educação Literária Infanto-Juvenil**, o sujeito homossexual ainda é condenado à invisibilidade, inclusive discursiva. (2009, p.69). É de 2012 a safra mais recente de títulos nacionais: **Diário de Uma Garota Atrevida**, da carioca Karina Dias, e **Depois daquele Beijo**, da pernambucana Rafaella Vieira. As duas obras constam do catálogo da Brejeira Malagueta, de São Paulo, uma editora que se intitula a única L2L da América Latina, ou seja, onde lésbicas escrevem para lésbicas (em inglês, *Lesbians to Lesbians*).

Olívia Tem Dois Papais, de Márcia Leite, e **Meus Dois Pais**, de Walcyr Carrasco, foram lançados em 2010, enquanto anteriormente marcaram posição na homossexualidade na literatura infanto-juvenil nacional obras como **O Gato que Gostava de Cenoura** (1999), de Rubem Alves, **O Amor Não Escolhe Sexo** (1996), de Giselda Laporta Nicolelis, e **O Menino que Brincava de Ser** (1986), de Georgina da Costa Martins. Não chega a ser uma produção significativa, em termos percentuais, em relação ao volume de títulos oferecidos ao público infanto-juvenil, mas pode-se dizer que a temática da homoafetividade na literatura infanto-juvenil brasileira apresenta uma tendência ascendente, a se analisar os últimos quatro anos.

Durante o XII Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), realizado em Curitiba, em julho de 2011, o professor Antonio de Pádua Dias da Silva, da Universidade Estadual da Paraíba, falou sobre **Uma Nova Configuração da Literatura Infantil Brasileira: O Discurso De e Sobre a Homoafetividade e a Família Homoparental**. Ele comparou, não pelo número de títulos, mas pelo avanço do conteúdo, obras infanto-juvenis voltadas para a temática homossexual no Brasil, nos Estados Unidos, na Europa (Grã-Bretanha, Holanda e Espanha), e na Argentina. Concluiu que, em todos esses países, o discurso gay na literatura infanto-juvenil encontra-se mais amadurecido, mais realista do que no Brasil.

Pode-se afirmar que, no tocante à homoparentalidade, ou seja, a questão homoafetiva do ponto de vista da constituição de família (casal do mesmo sexo com filhos), a temática é apresentada com naturalidade e desenvoltura tanto por Márcia Leite, com **Olívia Tem Dois Papais**, como por Walcyr Carrasco, com **Meus Dois Pais**. Será sobre este último que discutiremos no decorrer deste trabalho. É uma obra que comprova que literatura e história andam juntas, também no Brasil.

Para Lúcia Facco, o texto literário não pode ser um sistema fechado, unívoco, ele precisa manter-se fiel aos princípios de democracia e abertura. Ele será sempre o espaço da ambiguidade, da indeterminação, da multiplicidade. A função da literatura não deve ser a de criar uma nova verdade, mas a de reagir à verdade estabelecida. Sendo assim, em sua opinião, a educação literária não poderia pretender alhear-se às realidades sociais, constituindo-se um instrumento privilegiado para a análise dos

discursos emergentes, como os dos porta-vozes da minoria homossexual. (FACCO, 2009).

Com relação ao livro **Meus Dois Pais**, do qual tratamos no presente trabalho, faz parte da coleção Todos Juntos, publicada pela Editora Ática, já com cinco livros escritos por Walcyr Carrasco, todos contendo 'temas difíceis' para abordagem de crianças de seis a oito anos. Os livros são acompanhados, individualmente, de dois suplementos, um destinado a pais e outro a professores, nos quais especialistas de cada tema discutido esclarecem as dúvidas, na forma de perguntas e respostas. No caso de **Meus Dois Pais**, o Guia de Perguntas e Respostas para Professores foi elaborado pelo psiquiatra Alexandre Saadeh, doutor pela Universidade de São Paulo (USP), professor do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e supervisor dos médicos residentes em Psiquiatria no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.

Na seção seguinte deste trabalho, serão apresentadas considerações sobre Walcyr Carrasco, cuja obra, além da literatura, estende-se ao teatro e à televisão.

3 WALCYR CARRASCO

Walcir Rodrigues Carrasco, ou Walcyr Carrasco, é um homem que transita com naturalidade no mundo das artes, dedicando-se à literatura, ao teatro, à telenovela, bem como ao jornalismo, sua primeira atividade profissional, que mantém até hoje. Vem ganhando notoriedade na defesa de minorias sociais, como a dos homossexuais, bem como da espiritualidade, uma vez que suas opiniões são veiculadas simultaneamente em livros próprios, nas grandes revistas e jornais e, principalmente, nas novelas de grande emissoras como a TV Globo.

Filho de João Carrasco, ferroviário e telegrafista e de Ângela, uma pequena comerciante de roupas e dona de casa, nasceu em 1º de dezembro de 1951 na cidade paulista de Bernardino de Campos. Dos três aos 15 anos, morou em Marília-SP, onde cursou o primeiro e segundo graus. Mudou-se então para a cidade de São Paulo, onde estudou na antiga Escola de Aplicação da Universidade de São Paulo (USP), conhecido por suas bem-sucedidas experiências educacionais. Formou-se em jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes (ECA), também da USP.

Por muitos anos, trabalhou como jornalista nos principais órgãos de imprensa (nas revistas *Veja* e *IstoÉ* e nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *Diário Popular*), ao mesmo tempo, em que mantinha a carreira de escritor, iniciada com histórias para o público infanto-juvenil publicadas pela revista *Recreio*.

Aos 28 anos, publicou seu primeiro **livro Quando Meu Irmãozinho Nasceu** (1979). Viriam depois dezenas de outros dedicados a crianças e adolescentes, como **Vida de Droga** (1998), **O Mistério da Gruta** (2001), **Cadê o Super-herói?** (2002), **A Corrente da Vida** (2003), **O Menino Narigudo** (2003), **O Selvagem** (2004), **A Menina que Queria Ser Anjo** (2005). Abaixo **o Bicho Papão** (2005), **Rick, O Nerd Detetive** (2010), e **Meus Dois Pais** (2010). É comum que escreva dois ou até mais livros em um único ano. Também fez traduções e adaptações de clássicos da literatura como **A Volta do Mundo em 80 Dias** (2007), **Os Miseráveis** (2012), **Contos de Andersen** (2012) e diversos outros nessa linha, que lhe valeram diversas menções de Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Entre suas obras voltadas ao público adulto, estão a autobiografia **Em Busca de um Sonho** (2006) - sobre como escolheu sua profissão –, **Pequenos Delitos** (2004), e **A Senhora das Velas** (2006). Entre seus livros mais recentes estão **Juntos para Sempre** (2013), uma história espiritualista, e **Anjo de Quatro Patas** (2013), em que conta momentos engraçados e comoventes divididos com seu fiel companheiro, o cão Uno. (Parte da obra do autor pode ser vista no Anexo do trabalho)

Autor da novela **Amor à Vida**, cujos últimos capítulos em janeiro de 2014 ganharam a torcida dos telespectadores por um beijo entre os dois namorados Félix (Mateus Solano) e Niko, o Carneirinho (Thiago Fragoso), Walcyr Carrasco deixou muita gente eufórica ao escrever a cena de um beijo de amor entre os dois jovens e, com ela, entrou para a história da teledramaturgia homossexual brasileira. À revista VEJA- São Paulo (2014), ao ser perguntado sobre o assunto, esclareceu: “A novela quis falar da pluralidade. Nesse final, mostrei desde a criança evangélica sendo apresentada à comunidade até o beijo gay. Estamos numa democracia e todos têm que aprender a conviver e têm o direito de ser quem são. A novela é um avanço em termos de colocar questões sociais, como beijo gay”.

Na televisão, começou sua carreira como colaborador da série **Joana** (1985), com Regina Duarte, na extinta TV Manchete. É autor também de memoráveis novelas como **Xica da Silva** (1996), também na TV Manchete, **O Cravo e a Rosa** (2000), **A Padroeira** (2001), **Chocolate com Pimenta** (2003), **Sete Pecados** (2007) e **Alma Gêmea** (2005), todas da Rede Globo.

Como autor de teatro, o primeiro texto de Walcyr Carrasco a ganhar os palcos foi a comédia de costumes **O Terceiro Beijo**, da década de 1970 (s/n). Entre as peças de sua autoria estão **Até que o Sexo nos Separe** (2005), estrelada com Fúlvio Stefanini, e **Êxtase** (2002), que teve no elenco Caco Ciocler, Daniel de Oliveira e Rosane Gofman, e pela qual Walcyr Carrasco recebeu o Prêmio Shell de Melhor Autor.

Tamanho volume de produção artística rendeu a Walcyr Carrasco não apenas sucesso e reconhecimento, mas também a cadeira número 14 na Academia Paulista de Letras, que ele ocupa desde setembro de 2008.

Além da defesa constante da pluralidade social em suas obras, onde se destaca a defesa da causa gay, outra temática diferenciada que tem espaço em seu trabalho

refere-se à espiritualidade. À revista Playboy, ao ser entrevistado, afirmou: “Sempre fui místico. É uma coisa minha, porque meu pai não tinha religião e minha mãe também não era ligada nisso. Mas eu tinha um tio, o Nicolau, que era da Rosacruz e me emprestava uns livros. Sempre tive interesse pelo sobrenatural, sempre acreditei em reencarnação.” (PLAYBOY, 2013)

O romance **Juntos para Sempre** (2013), por exemplo, trata de história de vidas passadas e também teve sua inspiração numa ocorrência espiritualista: “O livro que acabo de lançar, **Juntos para Sempre**, é uma história real. Viajei para a África, dormi durante o voo e sonhei com o livro inteiro. Depois pesquisei e vi que alguns dados históricos batiam. Aí resolvi escrever.”, declarou na mesma entrevista à Playboy. A novela Alma Gêmea, da TV Globo, que em 2006 atingiu a audiência histórica de 54 pontos no Ibope, também tratou de vidas passadas.

Indagado pela revista Playboy (2013), sobre sua bissexualidade, Walcyr Carrasco, inicialmente, hesitou em responder: “Prefiro não responder”. Mas, em seguida, acrescentou: “Ah, acho melhor responder porque a maioria das pessoas sabe. Sim, sou bissexual. Acho que todo mundo é. Muita gente é, e não sabe. Posso dizer que sempre provoquei grandes paixões. Mesmo hoje, aos 61 anos, sou continuamente pedido em casamento.”

Atualmente, Walcyr Carrasco continua a escrever livros, peças de teatro e novelas para televisão. Adora cozinhar e fazer cursos de culinária, em particular da gastronomia japonesa. Pintura é outra das suas atividades. Além disso, dá muita importância à convivência com seus bichos: três cachorros e dois gatos.

Sobre o estilo de sua escrita, o autor advoga um texto conciso e enxuto, as principais características do bom estilo jornalístico. São evitadas palavras e orações complexas e a intercalação em excesso, como o uso de apostos, travessões e parênteses. As orações costumam ser curtas e os adjetivos usados com muita parcimônia. É importante também que a construção das orações seja na ordem direta, além de se evitar construções na voz passiva. Tais observações fazem parte dos diversos manuais de redação dos principais veículos da mídia.

Formado profissionalmente em jornalismo, essas práticas jornalísticas acompanham a produção literária de Walcyr Carrasco, com a diferença de que, se em

jornalismo se procura praticar a objetividade, sem que o autor da matéria interfira no texto com suas opiniões, na literatura ocorre justamente o contrário. O autor, o narrador, os personagens expressam livremente sua opinião. Sem falar que, na literatura, o tecido textual é carregado da poética que acompanha a obra e pela qual se caracteriza o seu autor:

Sou apaixonado pelas pequenas tradições. Gosto de levar flores quando visito alguém pela primeira vez. Adoro bolo de casamento. Por maior que seja o regime, eu me atiro nos brigadeiros e línguas de sogra das festinhas infantis. Natal tem de ter árvore com bolas e luzinhas coloridas. E, como em todos os anos, acabo de montar a minha.

Nada de pinheiros vivos. A gente se diverte e o coitadinho sofre em um canto da sala sem água nem luz adequada. Depois das festas, frequentemente acaba no lixo. Que falta de espírito natalino, o nosso! (CARRASCO, *Árvore de Natal*, revista Veja São Paulo, Dez, 2010).

Na introdução ao romance **Juntos para Sempre** (2013), que ele próprio assina, mantém a clareza inerente ao jornalismo, entretanto, o texto é recheado de informações pessoais, além de ser escrito na primeira pessoa, o que não deve ocorrer no jornalismo, a não ser que seja a fala de um entrevistado, para a qual sempre se usará aspas:

A viagem de avião de São Paulo a Johannesburgo dura a noite inteira. Para mim, voo noturno não é problema. Pego no sono com facilidade. Tenho o talento de dormir em qualquer lugar. Quando mais jovem, atravessei a América do Sul dormindo em ônibus, caminhões, barcos. Até mesmo em um ônibus boliviano onde os camponeses levavam galinhas e, se bem me lembro, uma cabra no banco atrás do meu. Durmo em aviões como se estivesse em minha própria cama. Meu único medo é roncar, por questão de delicadeza com os outros passageiros. (CARRASCO, 2013, p. 08).

Já senhor de estilos diversos como o do jornalismo e da literatura, em um trecho do romance **Juntos Para Sempre**, observa-se a presença de um elemento típico da telenovela, que é o da preocupação com a imagem, com o cenário que contará a história. Tudo é descrito de forma que leve o leitor a 'visualizar' o que ocorre na trama:

Era o pátio de um castelo de pedra. Medieval. Nossos assentos haviam sido acomodados em uma estrutura de madeira. No alto, o trono da rainha. A

multidão amontoava-se, em pé, dos dois lados do pátio. A lenha à nossa frente estava pronta para ser incendiada. A rainha, a corte, os padres e os sacerdotes, prontos para assistir à execução. Minha garganta doía. Parecia sufocado. Queria gritar, mas o grito estava preso. Queria me mexer, mas me sentia paralisado. Uma onda de impotência abateu-se sobre mim. Não podia suportar o que estava para acontecer. (CARRASCO, 2013, p. 12)

Um veterano em literatura infanto-juvenil, já que dos seus mais de 60 livros, a maioria destina-se a esse universo, Carrasco demonstra firmeza nesse tipo de linguagem. **Em Meus Dois Pais** (2010), livro escrito para crianças de seis a oito anos, sua linguagem se mantém de forma leve e clara, sem, no entanto, infantilizar-se, tendência de muitos autores que se dedicam a livros destinados a crianças. No trecho analisado, as concessões ao público infantil são mínimas, como as gramaticais “ir no seu apartamento” e “Chamavam ele de gayzinho”, assim como o uso de palavras no diminutivo afetivo, próprio do mundo infantil (“papai”, “mamãe”, “vovó”). Exceção ao diminutivo “gayzinho”, aqui com sentido pejorativo:

A minha mãe me proibiu de ir no seu apartamento – disse o Fê. Fiquei chateado. Quis saber o motivo. – É por causa do seu pai. O Fê se afastou sem querer falar muito. – O que o meu pai tem de errado? Os dois (Fê e Paulo, outro amigo) ficaram sem jeito, até que o Fê disparou: Seu pai é gay, Naldo! Era como se eu estivesse no meio de um terremoto. Já tinha ouvido falar de gays. Havia um colega de classe no ano passado de quem todo mundo caçoava. Ameaçavam até bater nele. Chamavam ele de gayzinho, porque falava de um jeito mais delicado. Mas meu pai? Não podia ser. O papai tinha sido casado. Como podia ser gay?! Nem fiquei até o fim da aula. Saí mais cedo. Andei um tempão. Eu pensava sem parar, e tudo começou a fazer sentido. A mamãe não querer que eu fosse morar com o papai. Os comentários da vovó. Os cochichos das mães dos meus amigos. As frases faladas pela metade... (pp. 21-22.)

4 PESQUISAS

4.1 Informações sobre a coleta de dados

Este trabalho consiste-se de pesquisa bibliográfica, fundamentada em diversas referências, e de pesquisa de campo, com o objetivo de avaliar o impacto da leitura do livro **Meus Dois Pais** (2010), de Walcyr Carrasco, com base na Teoria da Recepção.

Para a pesquisa de campo, foi aplicado um Questionário de Hábitos de Leitura (Apêndice), incluindo a perguntas sobre o livro em questão, em um universo de 26 alunos, entre 11 e 14 anos, matriculados no 7º ano A do Centro de Ensino Fundamental nº 4 do Plano Piloto, em Brasília-DF. Todos os alunos da classe (39) receberam cópias do livro para leitura em um final de semana do mês de abril de 2014. Entretanto, apenas 26 alunos responderam ao Questionário. A condição seria a de que, durante a semana seguinte, realizassem a atividade proposta.

O autor é conhecido do público infanto-juvenil há bastante tempo. Antes de 2010, ano do lançamento de **Meus Dois Pais**, já havia escrito dezenas de títulos destinados a esse público, incluindo **Quando Meu Irmãozinho Nasceu** (1979), **Vida de Droga** (1998), **A Corrente da Vida** (2003) e **O Selvagem** (2004). Apesar de hoje ser conhecido no jornalismo, na televisão e no teatro, com obras destinadas ao público adulto, o primeiro livro que Walcyr Carrasco escreveu, há 35 anos, foi **Quando Meu Irmãozinho Nasceu** (1979). Entre mais de 60 livros publicados, a maioria tem crianças e adolescentes como público alvo.

A escolha desse livro, em cuja análise de repercussão de leitura nos ateremos no presente trabalho, está vinculada à contemporaneidade do tema, que ainda é revestido de preconceito na maior parte das camadas sociais. Como os adolescentes alunos do Centro de Ensino Fundamental nº 4 são provenientes de famílias de formação heterogênea, fato assinalado pelo blog da escola, tornou-se um bom modelo para a análise de alguns fundamentos da Teoria da Recepção.

Segundo os conceitos de Jauss, autor da TR, a obra literária só se completa a partir da leitura, quando o leitor impregna nela o seu ambiente social e o painel da sua história contemporânea. O fato de ser um livro escrito para crianças de seis a oito anos

não comprometeu o trabalho, uma vez que o objetivo principal foi o de avaliar o impacto da recepção do tema Homossexualidade/Homoparentalidade.

O questionário de Hábitos de Leitura foi elaborado contendo perguntas objetivas e, ao mesmo tempo, com o propósito de testar a recepção espontânea, independentemente do atendimento ao questionário. A pesquisa pretendeu analisar de forma prática como a Teoria da Recepção se aplica ao público infanto-juvenil, particularmente diante de um texto tratando de homossexualidade, tema ainda considerado tabu para grande parte da população. Após a coleta de dados, esses foram analisados quantitativa e qualitativamente.

O Centro de Ensino Fundamental nº 4 de Brasília, onde se realizou a pesquisa, foi criado em 1969, com o nome de Escola Classe 113 Sul. Desde 1995, atende alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. A comunidade escolar é heterogênea, com alunos provenientes de localidades diversas do entorno do DF, de outros estados e alguns até exterior. A maioria é carente de recursos econômicos, assistência médica e familiar, e está exposta à falta de lazer e educação sexual, e, ainda, ao risco de uso de drogas e violência.

Essa unidade escolar mantém um projeto de leitura, com a meta de que os alunos leiam pelo menos um livro por bimestre. A escola conta também com uma sala de leitura, cuja patrona é a escritora goiana Cora Coralina. A adesão ao nosso projeto de pesquisa foi facilitada por esse interesse da própria escola em promover atividades de leitura entre os alunos.

Para realizar a pesquisa, foram distribuídas cópias do romance “Meus dois Pais”, durante as aulas em uma quinta-feira, solicitados aos alunos que lessem o livro durante o final de semana, na segunda semana subsequente o questionário foi aplicada junto a turma 7º A, do Ensino Fundamental do Centro de Ensino nº 04 – Plano Piloto.

4.2 Resultados

Nos parágrafos a seguir serão apresentados os dados obtidos pela aplicação do Questionário de Hábitos de Leitura, de acordo com a ordem das perguntas nele contidas (Apêndice).

De acordo com a **Lei de Diretrizes e Bases na Educação (LDB)**, a pré-escola vai até os seis anos, portanto, podemos considerar que a idade atual para um aluno cursar o 7º ano do ensino fundamental é de 12 anos. No caso do grupo pesquisado, constatamos, pelos resultados expressos no Gráfico 01, que, embora a maioria esteja cursando o 7º ano na idade ideal (58%), há 42% dos alunos fora desse padrão etário, ainda que 11% estejam abaixo da idade prevista pela LDB.

Gráfico 01 - Faixa Etária

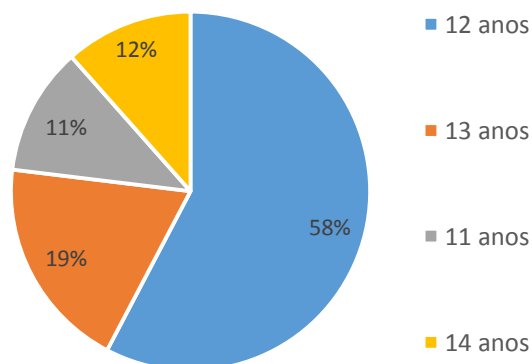


Gráfico 01: 58% dos alunos estão na faixa etária recomendada pela LDB: 12 anos.

Perto da metade dos alunos (46%), ao se avaliar os resultados do Gráfico 02, respondeu que lê diariamente, provavelmente se referindo às atividades em classe e não à leitura de livros. Nesse caso, 19% admitiram que leem apenas raramente e 12%, apenas quando são obrigados.

1. Com qual frequência você lê?

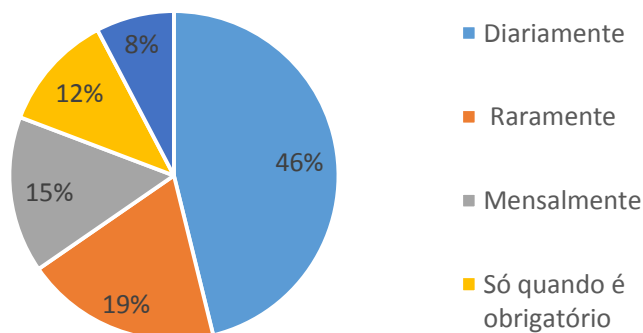


Gráfico 02: 46% dos alunos do 7º ano A leem diariamente.

A maioria dos alunos compra os livros que lê (50%), empresta da biblioteca escolar (19%) ou já os possui em casa, na biblioteca dos pais e responsáveis (12%). É o que se depreende da análise do Gráfico nº 3. Observa-se com isso que o livro é tido como um objeto de consumo junto ao grupo consultado.

Os livros lidos são:

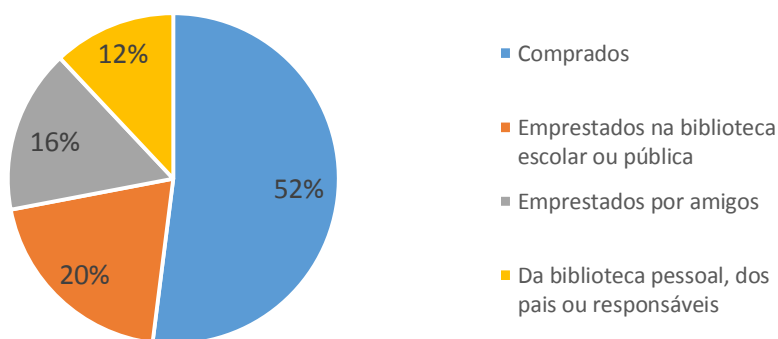


Gráfico 03: A metade dos alunos (50%) compra os livros que lê.

De acordo com o Gráfico nº 4, a grande maioria (62%) afirmou ter gostado da leitura do livro **Meus Dois Pais**, de Walcyr Carrasco. Entretanto, um percentual representativo (38%) afirmou não ter gostado e nem ter lido o livro indicado para poder responder ao questionário. Parece que a obra provocou resistência inicial diante da leitura (19% não leram) e, mesmo os que ultrapassaram a barreira inicial e não terminaram a leitura foram em grande percentual (19%).

Você gostou do Romance “Meus Dois Pais”?

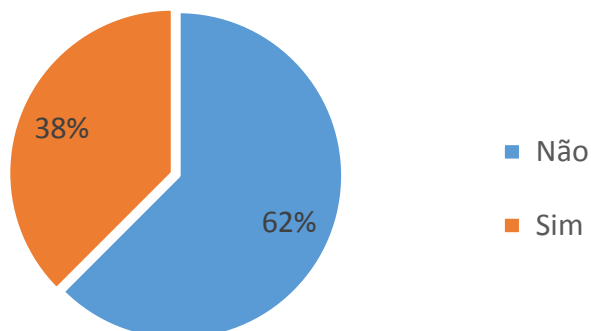


Gráfico 04: Inicialmente 62% afirmaram ter gostado da leitura do livro Meus Dois Pais.

Como explicação para a não leitura do livro, no final de semana pré-determinado, segundo a análise do Gráfico nº 5, a maior parte dos alunos (40%) afirmou ‘não ter tido tempo’ e outros 40% admitiram ter achado o tema ‘muito chato’. Outros 20% ainda declararam ter ‘dificuldade de concentração’ para a leitura.

Qual a razão de não ter lido o romance?

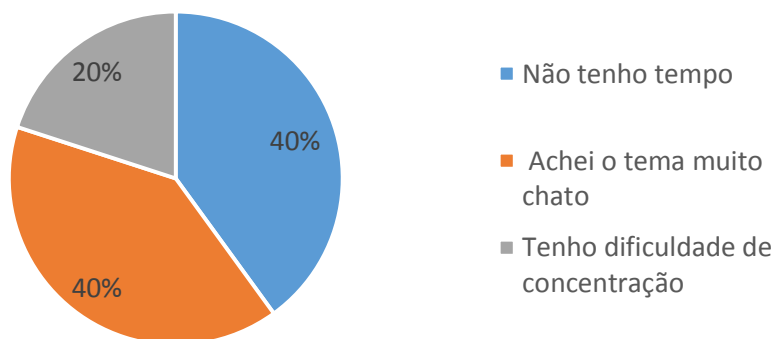


Gráfico 05: 40% acharam o tema ‘chato’ e outros 40% declararam ‘não ter tipo tempo’ para ler.

Pelo Gráfico nº 6, conclui-se que a maioria dos alunos pesquisados claramente não gostou da leitura do romance, totalizando 63% do total. Apenas 37% declararam ter gostado da leitura.

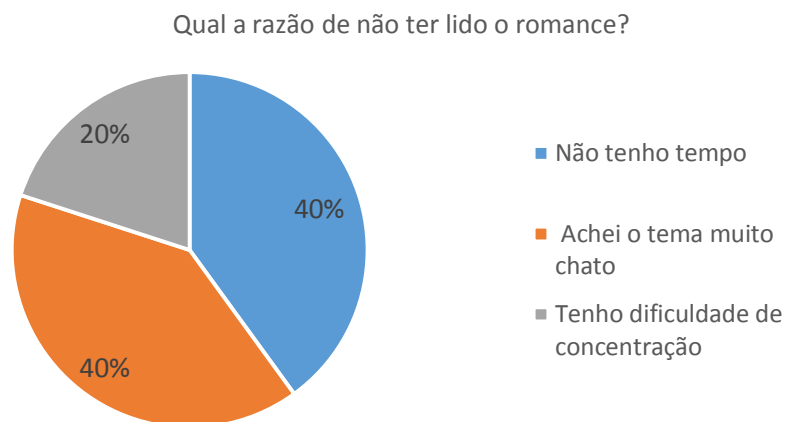


Gráfico 06: Questionados mais a fundo, 63% afirmaram não ter gostado da leitura.

Aprofundando um pouco mais sobre as causas dessa rejeição ao livro, o Gráfico nº 7 revela que 23% não gostaram do livro especificamente por conta da rejeição ao tema abordado, outros 8% iniciaram a leitura, mas não chegaram ao final, enquanto 11% consideraram o tema 'tolo' e que 'não deve ser tratado em livros para jovens'. A maioria (58%) 'não viu problema em se abordar temas como o do livro, mas, apesar disso, não se entusiasmou, classificando a leitura de 'comum'.

Em sua opinião o tema abordado no Romance "Meus Dois Pais" a homoafetividade é um tema:

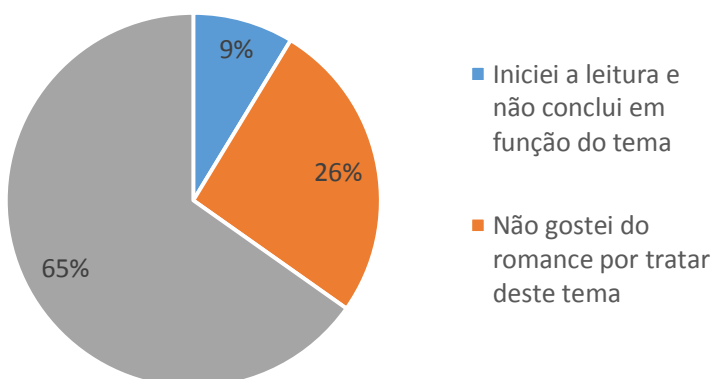


Gráfico 07: Contraditoriamente, 58% afirmaram não 'ver problema' na abordagem do tema.

As ilustrações do livro, segundo o Gráfico nº 8, também não ajudaram a captar o interesse pela leitura, uma vez que 39% dos alunos pesquisados não a observaram, e

mesmo os que a observaram (15%) opinaram que as ilustrações ‘não complementam a narrativa’ e ainda 8% as consideraram ‘indiferentes’. Somente 19% emitiram uma reação positiva às ilustrações, afirmando que ‘complementam a narrativa’.

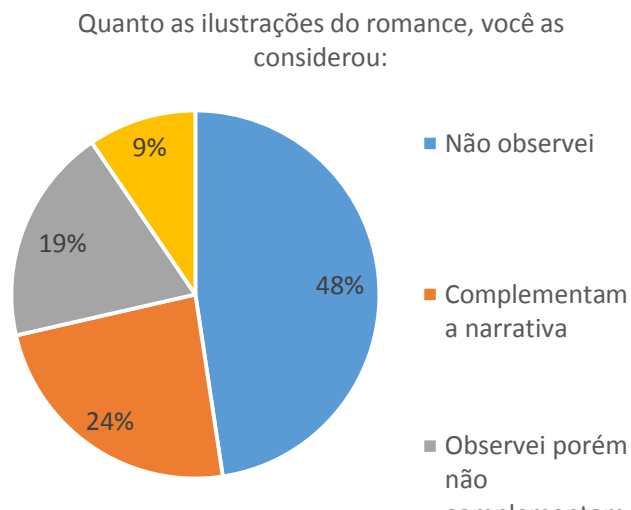


Gráfico 08: 39% dos alunos do 7º ano A não observaram as ilustrações do livro.

O Gráfico nº 9 aborda diretamente a questão da sexualidade e sua abordagem no ambiente escolar. A resposta foi positiva: 73% consideram que ‘o assunto deve ser tratado com naturalidade pelos professores e também pelos pais’. Outros 15%, no entanto, acharam que a temática deve ser tratada exclusivamente ‘pelos pais’ e, ainda, 8% disseram claramente que o assunto ‘não deve ser abordado nem na escola nem em casa’. 4% dos alunos não responderam a pergunta. Antes do tema homossexualidade, o tema sexualidade já é difícil para os alunos pesquisados, tanto que 4% dos alunos nem chegaram a responder sobre o tema.

Em sua opinião o sexo é um assunto que:

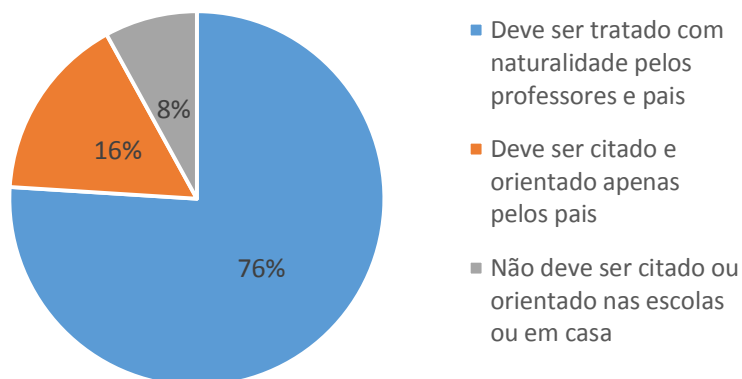


Gráfico 09: 73% consideram que o tema 'sexualidade' deve ser tratado em classe e em casa.

No Gráfico nº 10, os alunos tiveram liberdade para opinar sobre os assuntos que, de fato, apreciam em suas leituras, cada um deles escolhendo mais de um assunto entre os apresentados. Aventura/ação é o tema predileto (25%), seguido de Terror/suspense (19%). Histórias Românticas e Poesia também tiveram bons percentuais no quadro geral, com 14% e 12%, respectivamente. Foram bem cotados, ainda, temas como Ficção Científica (10%) e Policiais (8%). Temas Religiosos e Quadrinhos obtiveram 6% de escolha cada um.

Opinião sobre assuntos que deveriam ser abordados

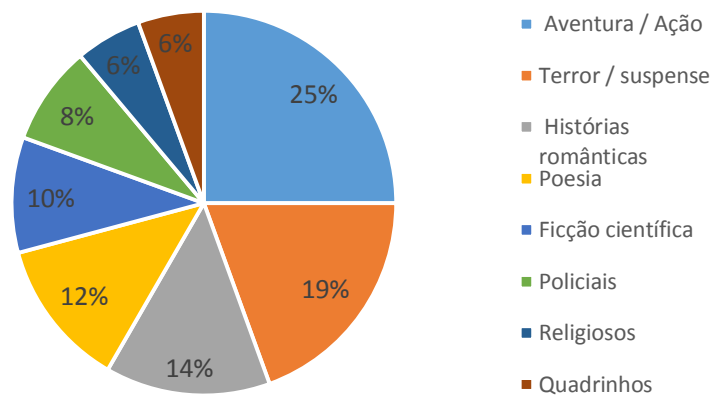


Gráfico 10: 25% desejam ler sobre Aventura/ação (25%) e Terror / suspense (19%).

4.3 Discussão dos dados

Na primeira abordagem à temática da homoparentalidade feita pelo Questionário de Hábitos de Leitura, conforme o Gráfico nº 4 demonstra, 38% já começam a manifestar sua aversão ao assunto, afirmando não ter gostado nem ter lido o livro indicado. É provável que a temática da homoparentalidade seja conhecida do grupo e que, por viverem em um ambiente de pouca orientação familiar, ela seja rechaçada. Como diz Jauss, em sua sétima tese (1994), a leitura possibilita uma visão crítica do leitor e considera, além do efeito estético, seu efeito social, ético e psicológico. Um total de 60%, ainda de acordo com o Gráfico nº 4, afirma ter gostado da leitura, mas esse percentual vai cair ao longo da avaliação. Ainda no Gráfico nº 4, é possível saber que a obra provocou resistência inicial diante da leitura (19% não começaram a ler) e, mesmo os que ultrapassaram a barreira inicial e não terminaram a leitura foram em grande percentual (19%).

No Gráfico nº 5 vem a 'explicação' dos alunos para o fato de não terem lido o livro recomendado: 80% declararam "não ter tido tempo para a leitura". Como explicação para a não leitura do livro, no final de semana pré-determinado, segundo a análise do Gráfico nº 5, grande parte dos alunos (40%) alegou 'não ter tido tempo' e outros 40% admitiram ter achado o tema 'muito chato'. Outros 20% ainda declararam ter 'dificuldade de concentração' para a leitura. A análise dos dois gráficos (nº 4 e nº 5) remete-nos à obra **Narrativa Juvenil** (2008), de João Luís Ceccantini e Rony Pereira, que nos alertam para o fato de se querer estimular a leitura de crianças e adolescentes com obras fixadas pelos professores. Para os autores, essa pode ser uma das grandes dificuldades de se tentar introduzir as crianças e jovens no universo da leitura.

Os gráficos nº 6 e nº 7 aprofundam mais a resistência ou não dos alunos à temática da homoparentalidade da obra de Walcyr Carrasco. Pelo Gráfico nº 6, concluiu-se que a maioria dos alunos pesquisados claramente não gostou da leitura do romance, totalizando 63%. Já o Gráfico nº 7 informa que 23% não gostaram do livro especificamente por conta da rejeição ao tema abordado, outros 8% iniciaram a leitura, mas não chegaram ao final, enquanto 11% consideraram o tema 'tolo' e que 'não deve ser tratado em livros para jovens', ou seja, 42% justificaram suas razões de resistência

ao livro. Jauss (1994), em sua segunda tese, afirma que a experiência literária do leitor pressupõe um “saber prévio”, um conjunto de experiências, tanto de leitura quanto de vida, que desperta suas expectativas e o impulsiona para uma determinada postura emocional. É muito provável que nessa resistência sistemática dos alunos pesquisados esteja a postura emocional com que se debruçaram sobre o tema: negativa, de acordo com o ambiente em que vivem em que se encontram.

Com relação ao Gráfico nº 9, sobre a abordagem da questão do sexo em ambiente escolar, a resposta foi positiva: 73% aceitam que o assunto deva ser tratado tanto pelos professores como pelos pais. Chama a atenção o percentual que discorda dessa posição: 27%. Entre esses, 15% querem que o assunto seja tratado somente pelos pais, 8% consideram que o assunto não deve ser discutido nem na escola nem em casa, e 4% se recusaram a opinar sobre a questão. “Só se pode compreender um texto quando se compreender a pergunta para a qual ele constitui uma resposta. A reconstrução do horizonte de expectativas de uma obra é um aspecto fundamental para essa construção de sentido”, destaca Jauss em sua quarta tese (1994).

O Gráfico nº 10 deixou os alunos à vontade para opinar sobre quais assuntos preferem em suas leituras. Aventura/ação é o tema predileto (25%), seguido de Terror/suspense (19%). Histórias Românticas e Poesia também tiveram bons percentuais no quadro geral, com 14% e 12%, respectivamente. Os resultados aqui obtidos comprovam a afirmação de Phillippe Ariès (2012), para quem a criança tem demonstrado agrado, sobretudo as menores, pelas obras otimistas: as que revelam o gosto pela vida, alegria, e humor.

Embora a avaliação do nosso trabalho tenha sido feita apenas em um microcosmo da sociedade brasileira, os resultados não se diferenciam muito do que encontrou o Ibope Inteligência (2014), ao realizar uma pesquisa quantitativa sobre a possibilidade de legalização do casamento gay no Brasil (indiretamente o mesmo tema de nosso trabalho): 58% dos homens foram contrários, assim como 49% das mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de um fenômeno crescente na estrutura familiar brasileira, o aumento crescente de núcleos familiares de casais homoafetivos, decidimos investigar como essa nova estrutura é vista por crianças e adolescentes. Com base na Teoria da Estética da Recepção abordamos esse universo por meio da literatura infanto-juvenil, mais precisamente por meio do livro **Meus Dois Pais**, de Walcyr Carrasco, que trata da homoparentalidade, a questão de um garoto que se defronta com a homossexualidade paterna e precisa conviver com o pai e o companheiro homoafetivo.

Ao analisar a evolução da temática homossexual, vimos com Michel Foucault, em **A História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres** (1984), que o que chamamos hoje de bissexualidade masculina era um fenômeno comum na Antiguidade. Era aceito que, ao lado do casamento heterossexual, os homens mantivessem relacionamento com 'rapazes'. Na leitura de Foucault sobre o que os grandes nomes da Antiguidade (Sócrates, Platão, Aristóteles, entre outros) discorriam sobre o assunto, não há menção à homossexualidade entre mulheres.

Após essa época de relativa aceitação social, na Idade Média, os homossexuais, ou sodomitas, passaram a ser remetidos às fogueiras pelos tribunais da Igreja Católica (Santa Inquisição), à castração ou a outras penalidades decididas por esses tribunais. Essa realidade foi vivenciada no Brasil nos séculos XVI e XVII, como se pode verificar na obra **Relações Raciais entre Homossexuais do Brasil Colonial** (1985), de Luiz Roberto de Barros Mott. Ela aponta que o Tribunal da Inquisição promoveu uma devassa sistemática entre a população brasileira da Bahia e de Pernambuco, entre 1591 e 1620. Em uma das amostragens dessa devassa, em um total de 283 culpas confessas, 44 casos foram de sodomia, ou seja, um percentual de 15,5% de homossexuais.

A evolução que constatamos no século atual, com relação à Igreja Católica e sua influência cerceadora nas questões vinculadas ao sexo, não é grande, exceção à extensão das penalidades aos fiéis infratores. No entanto, os adeptos não devem usar anticoncepcionais nem preservativos, uma vez que a prática sexual deve estar ligada a fins de procriação. Com isso, sacramenta-se o matrimônio heterossexual, deixando adultério e homossexualidade na seara das práticas pecaminosas.

Apesar disso, em um país de maioria católica como o Brasil, a literatura tem cumprido o seu papel de representar o estágio atual da sociedade. Para os adultos, a temática homossexual frequenta as prateleiras há mais de um século, com **O Ateneu**, de Raul Pompéia (1888), por exemplo, e tornando-se intensa nas últimas décadas. Prática mais recente, a temática homossexual na literatura infanto-juvenil também começa a ganhar fôlego.

Walcyr Carrasco, autor de dezenas de livros para o universo infanto-juvenil, ele próprio de orientação bissexual, lançou o livro **Meus Dois Pais** (2010), uma obra que trata das dificuldades de um garoto para aceitar o pai e o seu companheiro homoafetivo. A contemporaneidade do tema nos levou a escolher o livro para testar a Teoria da Recepção entre os adolescentes alunos do Centro de Ensino Fundamental nº 4, de Brasília-DF, que provêm de famílias de formação heterogênea.

Segundo os conceitos de Hans Robert Jauss, autor da TR, a obra literária só se completa a partir da leitura, quando o leitor impregna nela o seu ambiente social e o painel da sua história contemporânea. Jauss postula sua crença de que o valor da obra é estabelecido entre o horizonte da expectativa preexistente e o horizonte aludido pela nova obra. Ou seja, o valor da obra é transformado à medida que ela é questionada, atende ou supera o horizonte de expectativas estabelecido. Para Jauss, a obra assume uma maior distinção agregadora quando rompe com o horizonte de expectativa preestabelecido.

A pesquisa de campo permitiu a discussão do tema em relação às referências levantadas. Os resultados apresentados permitiram concluir que, de modo geral, o novo núcleo familiar brasileiro, constituído de dois pais ou duas mães, ainda é visto com estranheza e receio pela maior parte dos alunos (60%). No entanto, uma minoria expressiva (40%) já o aceita com naturalidade.

Os resultados obtidos foram semelhantes aos encontrados pelo Ibope Inteligência, em pesquisa realizada em setembro de 2014, por solicitação da TV Globo e jornal O Estado de S.Paulo. De acordo com os dados da pesquisa, 58% dos entrevistados homens se manifestaram contra o casamento civil homossexual. Entre as mulheres, 49% se posicionaram contra e 44% a favor. Algumas faixas do eleitorado, entretanto, mostraram-se majoritariamente favoráveis à bandeira da comunidade gay:

51% entre os mais jovens, com idade entre 16 e 24 anos, e 55% entre os mais escolarizados, com curso superior.

Este foi um trabalho que trilhou por um caminho ainda pouco transparente na sociedade brasileira que é o da temática em questão. Assim, as respostas dadas pelos alunos, entre 11 e 14 anos de idade, refletem a situação nacional, revelando-se muitas vezes contraditórias. Acreditamos que ainda tem muito a amadurecer a questão da homoafetividade no Brasil. A nossa contribuição é tão somente a de ajudar a colocar um pouco de luz sobre o assunto, até que ele ganhe um grande debate no dia a dia dos brasileiros.

ANEXO

Mostra da obra de Walcyr Carrasco

Livros	Juntos para Sempre	2013
	Veneno Digital	2013
	Anjo de Quatro Patas	2013
	Meu Primeiro Beijo	2012
	O Jacaré com Dor de Dente	2012
	Rick, o Nerd Detetive	2011
	A Ararinha de Bico Torto	2010
	Meus Dois Pais	2010
	Pituxa, a Vira-lata	2010
	O Soldadinho de Chumbo e outras histórias	2009
	Lendas e Fábulas do Folclore Brasileiro (Volume II)	2008
	A Palavra não dita	2007
	O Patinho Feio e outras histórias	2006
	A Rainha da Neve	2006
	Em Busca de um Sonho	2006
	A Senhora das Velas	2006
	Camarões X Tartarugas: a Grande Copa do Mar	2006
	Este seu Olhar	2006
	Abaixo o Bicho Papão!	2005
	Estrelas tortas	2005
	A Menina que queria ser anjo	2005
	Carolina	2005
	Sonho de uma Noite de Verão	2004
	A Dama das Camélias	2004
	Contos de Pânico	2004
	Pequenos delitos e outras crônicas	2004
	O Selvagem	2004
	O Golpe do Aniversariante	2003
	O Garoto da Novela	2003
	Irmão Negro	2003
	O Menino Narigudo	2003
	A Corrente da Vida	2003
Mordidas que Podem Ser Beijos	2002	
Cadê o super-herói?	2002	
Os Miseráveis	2001	
O Mistério da Gruta	2001	

	Vida de Droga	2000
	O Menino que tocou a sombra	1999
	O Anjo Linguarudo	1999
	Balança Coração	1999
	Meu Primeiro Beijo	1998
	As Asas de Joel	1998
	Quando Meu Irmãozinho Nasceu	1979

Televisão	Amor à Vida	2013
	Gabriela	2012
	Morde & Assopra	2011
	Caras & Bocas	2009
	Sete Pecados	2007
	O Profeta	2006
	Alma Gêmea	2005
	Chocolate com Pimenta	2003
	Esperança	2002
	A Padroeira	2001
	O Cravo e a Rosa	2000
	Fascinação	1998
	Xica da Silva	1996
	Cortina de Vidro	1989

Teatro	Uma Cama entre Nós	1994
	Batom	1995
	Êxtase	2002
	O Terceiro Beijo	s/n
	Até que o Sexo nos Separe	2005
	Toalete	2006
	A Mulher do Candidato	2007
	Seios	2009/10

APÊNDICE

Questionário de Hábitos de Leitura aplicado ao 7º ano A

Questionário de Hábitos de Leitura aplicado ao 7º ano A**1. Com qual frequência você lê livros?**

- Diariamente
- Semanalmente
- Mensalmente
- Anualmente
- Raramente
- Só quando é obrigatório

2. Os livros que lê são:

- Empréstados na biblioteca escolar ou pública
- Da biblioteca pessoal, dos pais ou responsáveis
- Empréstados por amigos
- Comprados

3. Você leu o leu o livro Meus Dois Pais, de Walcyr Carrasco?

NÃO

Qual a razão de não ter lido o romance?

- Não tenho tempo
- Não gosto de ler
- Tenho dificuldade de concentração
- Achei o tema muito chato
- Outros

SIM

4. Você gostou do livro Meus Dois Pais?

- Sim Não

5. Em sua opinião, o tema abordado no livro Meus Dois Pais (a homoafetividade) é um tema:

- Tolo, não deve ser abordado em livros.
- Comum não vejo problemas em literaturas que abordam o tema.

- Não gostei do romance por tratar deste tema.
- Iniciei a leitura, mas não concluí.

6. Quanto às ilustrações do livro, você as considerou:

- Não observei.
- Complementam a narrativa.
- Observei, porém, não complementam a narrativa.
- Indiferente.

7. Em sua opinião o sexo é um assunto que:

- Não deve ser citado ou orientado nas escolas ou em casa.
- Deve ser tratado com naturalidade pelos professores e pais.
- Deve ser citado e orientado apenas pelos pais.
- O jovem em minha idade já sabe tudo sobre sexo, não são necessárias orientações.

8. Em sua opinião quais assuntos devem ser abordados junto aos jovens?

- Aventura / Ação
- Ficção científica
- Histórias românticas
- Poesia
- Policiais
- Religiosos
- Quadrinhos
- Terror / suspense

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. Terça Feira Gorda. In: Morangos Mofados. São Paulo: Agir, 2 ed., 2005.

ALVES, Rubem. O Gato que Gostava de Cenoura. São Paulo: Loyola, 1999.

AMORA, Antonio Augusto Soares. Introdução à Teoria da Literatura. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2002.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 2ª edição, 2012.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Brasília: Imprensa Oficial, 2013.

CARRASCO, Walcyr. Árvore de Natal. Revista Veja São Paulo, Dezembro, 2010. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/arvore-de-natal>>. Acesso em: 28 out. 2014.

_____. Juntos para Sempre. São Paulo: Editora Arqueiro, 2013.

_____. Meus Dois Pais. São Paulo: Editora Ática, 2010 (Coleção Todos Juntos).

CECCANTINI, João Luís; PEREIRA, Rony Farto. Narrativas juvenis. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 04 DE BRASÍLIA. Projeto Político Pedagógico. Disponível em: <<http://cef04-bsb.blogspot.com.br/p/propostpedag.html>>. Acesso em: 24 out. 2014.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil: Teoria e Prática. São Paulo: Editora Ática, 2006.

DIAS, Karina. Diário de Uma Garota Atrevida. São Paulo: Editora Brejeira Malagueta, 2012.

EAGLETON, Terry, Teoria da Literatura: uma Introdução. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

ECODEBATE. Censo 2010. Uma família plural, complexa e diversa. Entrevista com José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi. Disponível em <<http://www.ufjf.br/ladem/2012/10/31/censo-2010-uma-familia-plural-complexa-e-diversa->

entrevista-com-jose-eustaquio-diniz-alves-e-suzana-cavenaghi/>. Acesso em: 23 out. 2014.

FACCO, Lúcia. Era uma vez um casal diferente: A temática homossexual na educação literária infanto-juvenil. São Paulo: Summus, 2009.

FERNANDES, Marisa. Lésbicas no Brasil: Contribuição para Avaliação da Década da Mulher, 1985-1995. São Paulo: Coletivo de Feministas Lésbicas, 1994.

FERRERO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FILGUEIRAS, Mariana. Jornal O Globo. Editoras apostam em literatura infanto-juvenil gay, Rio de Janeiro, em 14 jul. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/editoras-apostam-em-literatura-infanto-juvenil-gay-13244487>>. Acesso em 11 nov. 2014.

FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 8 ed. ,1984.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. Literatura juvenil: Adolescência, Cultura e Formação de Leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

HIRAOKA, Ricky. Walcyr Carrasco: “Orientei que Felix e Niko dessem um beijo de amor”. Revista Veja, São Paulo, Fev, 2014. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/blogs/terrace-paulistano/2014/02/walcyr-carrasco-orientei-que-felix-e-niko-dessem-um-beijo-de-amor>>. Acesso em: 02 nov. 2014.

IBOPE INTELIGÊNCIA. 83% da população é a favor da redução da maioria penal. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/83-da-populacao-e-a-favor-da-reducao-da-maioridade-penal.aspx>>. Acesso em: 07 nov. 2014.

INGARDEN, Roman. A Obra de Arte Literária. Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

JAUSS, Hans Robert. A literatura como Provocação. Lisboa: Veja, 1994.

LAJOLO, Marisa. O que é Literatura. São Paulo: Brasiliense, 1992.

LEITE, Márcia. Olivia tem dois papais. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

LEVITHAN, D.; GREEN, John. Will & Will. São Paulo: Record, 2014.

LEVITHAN, David. Garoto Encontra Garoto. São Paulo: Record, 2014.

MARTINS, Georgina da Costa. O menino que brincava de ser. São Paulo: Editora DCL, 2013.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. Relações Raciais entre Homossexuais do Brasil Colonial. São Paulo: Revista Brasileira de História, V.5, nº 10, Mar-Ago, 1985.

NEGREIROS, Adriana; FERNANDES, Nathan. Entrevista: Walcyr Carrasco. Playboy, São Paulo, Maio, 2013. Disponível em: <<http://playboy.abril.com.br/confraria/televisao/entrevista-walcyr-carrasco>>. Acesso em: 31 outubro 2014.

NICOLA, José de. Literatura Brasileira: das Origens aos Nossos Dias. São Paulo: Scipione, 1998.

NICOLELIS, Giselda Laporta. O Amor não Escolhe Sexo. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

POMPEIA, Raul. O Ateneu. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

SÁENZ, Benjamin Alire. Aristóteles e Dante Descobrem os Segredos do Universo. São Paulo: Seguinte/Companhia das Letras, 2014.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Uma Nova Configuração da Literatura Infantil Brasileira: O Discurso De e Sobre a Homoafetividade e a Família Homoparental. XII Congresso da ABRALIC. Curitiba, julho, 2011.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso. São Paulo: Record, 8 ed., 2000.

VIEIRA, Rafaella. Depois daquele Beijo. São Paulo, Editora Brejeira Malagueta, 2012.

WOLFGANG, Iser. O Ato da Leitura. São Paulo: Editora 34 , V. I e II, 1999.